

O RIO E O BAÚ DA MEMÓRIA

Com valores intrínsecos de grande relevância humana, a cultura clássica é rio que corre há mais de dois mil anos sem cessar, nunca o mesmo e nunca igual. São termos e conceitos correntes, temas e personagens, mitos e figuras históricas ou lendárias que nos batem à porta ou nos banham os pés, sem anúncio ou hora de aviso. Retomados e reescritos, ora informam e dão corpo a obras inteiras, ora aparecem em alusões fugidias ou mais extensas. Em aluviões constantes transmitidos ao longo dos tempos, antes adubam os produtos e criações da mente humana, sempre novos, sempre outros. E o baú da memória da humanidade recolhe os estratos sucessivos que aí ficam depositados e aí permanecem pujantes e vivos, sempre prontos a ser desfiados à mínima alusão ou associação.

São expressões e termos, figuras e mitos, valores e símbolos que polvilham o falar comum e a língua literária, o imaginário e o pensamento, a nossa memória. De longa lista, não é minha intenção senão recordar alguns exemplos apenas – até por muitos deles serem conhecidos –, colhendo-os quer no domínio da história e da actividade política, como *ser um creso* ou *como Creso*, *cortar o nó górdio*, *educação espartana*, *lei ou medida draconiana*, *votar ao ostracismo*, *estar sob a espada de Dâmocles*; quer na tradição mitológica, caso de *pomo da discórdia*, *ser uma helena* ou *um Adónis*, *trabalhos de Hércules* e *ser um héracles* (cf. *hercúleo*), *passar ou estar entre Cila e Caríbdis*, *ter olhar de lince*, *calcanhar de Aquiles*, *canto da sereia*, *labirinto de onde só se consegue sair se se possuir o fio de Ariadne*; quer no âmbito da

criação literária de que dou, como exemplo, *odisseia*, a alegoria da nau do estado, poesia *lírica* (por ser acompanhada preferencialmente à lira), *elegia*, *epinícios* e outras designações de formas literárias e poéticas; quer no campo da reflexão e do pensamento, como *severidade estóica* ou *ser estóico*, *epicurismo*, *mecenatismo*. Algumas têm por trás curiosa e reveladora evolução semântica. Três exemplos apenas: *pedagogo* de início um escravo que, por conviver e acompanhar diariamente a criança aos mestres de primeiras letras, de música ou de ginástica, desempenhava papel determinante na sua educação, evoluiu com o tempo para o sentido que tem hoje; ou *votar ao ostracismo*, expressão que advém do facto de os Atenienses escreverem ou votarem em cacos, os *ostraka* o nome daquele que desejavam ver afastado da vida política e que, obtido determinado número de votos, era obrigado a partir para o exílio por um período de dez anos e acabava por perder a influência e ficava esquecido ou *votado ao ostracismo*. Ou o caso ainda de *laconismo* que retira o sentido actual do facto de os Espartanos, habitantes da Lácónia, serem parcus de palavras ou serem incentivados a isso, a guardarem silêncio ou falarem por máximas e curtas sentenças.

A Europa primeiro e depois os povos de outros continentes estudam, ao longo das gerações sucessivas, a história da Grécia e de Roma, meditam nas páginas dos seus filósofos e pensadores. Por um lado, a filosofia grega, muitas vezes transmitida através de autores latinos, condicionou e vivificou poderosamente o pensamento posterior. Acentua-o Heidegger nas frases lapidares a "filosofia fala grego" e "toda a filosofia é um platonismo"¹. Basta pensar que o Cristianismo, que marcou e em certa

¹- Sobre a influência da filosofia grega no pensamento europeu posterior vide G. Murray, "Are our pearls real", *PCA* 51 (1954) 14-15; Miguel Baptista Pereira, prefácio à edição

medida determinou o pensamento ocidental, foi profundamente inspirado pela filosofia greco-romana. Primeiro foi Santo Agostinho a sofrer a influência de Platão; depois é o domínio de Aristóteles sobre S. Tomás de Aquino e a Escolástica. Por outro lado, a teoria política procurou inspiração nos Gregos e Romanos. Tem sido constante ao longo dos tempos o fascínio pela *República* de Platão e pela *Política* de Aristóteles. Não menor é a influência que Cícero, como escritor de filosofia política, exerceu nas ideias das gerações posteriores, sobretudo com o seu conceito de *humanitas*.

Que mania ou insânia leva a considerar as culturas grega e romana fósseis? Um fóssil não tem vida, ou pelo menos não pode reproduzir-se, ao passo que essas culturas continuam a reproduzir-se ao longo dos tempos em novas realizações culturais. Como escreve G. Highet, sempre que encontram "um espírito que os receba, renascem nele e fazem-no viver mais intensamente"².

Com toda a razão escreve Cícero que ignorar o passado «é ser sempre criança» (*O Orador* 34. 120). Cícero, sempre um rio sem fundo de sabedoria e de informações. Cícero, cujo estudo me alimentou em tenros anos, cujas páginas me deleitaram e deleitam, em cuja leitura quase sempre encontro dados que procuro, máximas que me guiam ou apoiam, ritmos e palavras que me encantam.

E esse passado greco-romano, a fluir sem cessar ao longo dos tempos, fecundou e alimenta as línguas, a história, a cultura, a literatura dos diversos povos. Uma breve excursão pela arte, pelo pensamento em

portuguesa de F. E. Peters, *Termos filosóficos gregos*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1977, pp. VII-XXV.

²- *The Classical Tradition*, p. 1.

geral, por alguns autores de imediato nos revela quão profunda é a marca do húmus deixado pelos aluviões.

Camilo, habilmente e com mão de perfeito conhecedor, com frequência encastoa no texto citações de autores latinos e alusões à história de Roma que só descodificamos, pelo recurso aos dados e estratos do baú da memória ou desfiando o fio do tempo aí dobrado. É disso exemplo a descrição — de que a ironia do narrador não anda alheia — da juventude de António da Silveira no capítulo primeiro da *Filha do Doutor Negro*, na qual aparecem ainda intercaladas partes de versos dos dois maiores poetas latinos (Horácio, *Epodos* 2. 1; Virgílio, *Bucólicas* 1. 1, respectivamente):

António lia indolentemente o seu Horácio *procul a negotiis*, ou o seu Virgílio, *sub tegmine*, como o pegureiro Títilo, enquanto o solo pátrio estremecia batido pelo tropel das hordas conquistadoras. Educado pelos prosadores e poetas do Lácio, o moço, solitário pensador das fragosas montanhas penduradas sobre o rio Córrego, amava a liberdade à romana, a liberdade dos Gracos e dos Catões.³

O mito de Sísifo é um exemplo elucidativo desse rio que não pára de correr nem cessa de fecundar com os aluviões que cristalizam em novos sedimentos. Nessa figura e no seu castigo encontrou Camus — no livro precisamente intitulado *O Mito de Sísifo* — um símbolo da condição do homem contemporâneo: condenado a rolar encosta acima o penedo, via-o resvalar de novo para o vale, atingido o cimo do monte, e tinha de repetir a tarefa, sem cessar, sem momento de descanso e sem objectivos ou resultados palpáveis. Sentiu também essa condição do homem Miguel Torga, ao considerar-se um Sísifo no *Diário* V (7. 11.1950), embora a sua

³- *Obras completas*, Porto, Lello & Irmão, 1985, vol. 4, p. 800. Em rodapé Camilo dá as traduções "longe de negócios" e "à sombra", respectivamente.

natureza insubmissa reaja contra a ideia do absurdo e inutilidade da vida: «Sísifo, como toda a gente, mas convencido de que há-de ser transitória a actual condenação do homem, empurro a pedra sem acreditar no mito. Pode lá ser verdade este neo-romantismo sem esperança, só tédio e angústia, agónico na forma e no conteúdo!» Ou então este passo do *Diário* VI (6. 12.1952): «tento refazer com a imaginação o mundo fraterno e nobilitador que a realidade destruiu. Um destino de Sísifo, com intervalos em que é ele próprio que roda desamparado pelos abismos. E que, quando se levanta do trambolhão, tem de redobrar a energia para se empurrar e à pedra». E lá tem de se recorrer ao baú e desnovelar o fio que a roca do tempo fiou e o fuso enovelou e guardou.

Peço permissão para me deter mais um pouco em Miguel Torga – modesta homenagem afinal por ainda estarmos em época de comemoração do centenário do seu nascimento – e que refira a sua ligação à terra, o seu telurismo, bem vincado em muitas das suas figuras, na sua poesia e nos seus *Diários*. O autor de *Bichos* sentia-se um outro Anteu, que, em contacto com a Terra mãe recuperava forças. Assim no *Diário* XI (20.9.1968), Torga escreve: «De todos os mitos de que tenho notícia, é o de Anteu que mais admiro e mais vezes ponho à prova, sem esquecer, evidentemente, de reduzir o tamanho do gigante à escala humana, e o corpo divino da Terra olímpica ao chão natural de Trás- os-Montes». Anos depois, no *Diário* XV (11.9. 1989), escreve de S. Martinho da Anta: «Os mitos são verdades eternas. Quando aqui chego é sempre um Anteu combalido que me sinto, a tocar a terra alentadora e a recuperar as forças». E nova necessidade de sondagem ao disco duro da memória onde o baú do tempo se armazena, se o húmus vivo dos aluviões que o rio da cultura

foi sobrepondo não detectar ou identificar por inteiro as alusões e referências.

A grandeza humana de Miguel Torga, a sua vincada personalidade de escritor e de homem cívico, o seu apego à verdade e à liberdade, a sua preocupação com o que se desenrola à sua volta levam-no, por ocasião da II Guerra Mundial, a sofrer com o seu «destino cassândrico» de só ter «previsões sombrias» e esperar desgraças, apesar de acreditar «na felicidade futura da humanidade» (in *Diário V*, 14.11.1949). O seu desejo de saber, a abertura ao mundo e aos valores que a humanidade nos legou fazem-no considerar que a *Odisseia* eterniza «a inquietação de Ulisses e toda a nossa universal e mortal inquietação» (*Diário VI*, 24.7.1951) e equiparar os Portugueses a «outros Ulisses amarrados aos mastros dos seus navios» (*Diário IX*, 23.9.1961), para como ele escutarem as vozes de sereia que vinham dos mares distantes.

Está bem explícita ao longo da sua obra a personalidade de Miguel Torga como homem de grande cultura e de fina sensibilidade à beleza e harmonia, física e espiritual – quer se tratasse de pessoas, de lugares, das coisas, de monumentos ou arte. É disso exemplo – e bem significativo – as palavras que escreveu no *Diário VII* (8.9.1953), durante uma viagem à Grécia, ao entrar na Acrópole de Atenas – que apelida de «Cume do mundo humano, Himalaia do espírito»:

Na Grécia antiga, a que deveras me importava, e para onde, num esforço de imaginação, me transportei, foi um tormento. Era como se de repente, num só dia, numa só hora, num só instante, os olhos, deslumbrados por um novo sol, sentissem que toda a luz recebida em cinquenta anos de vida tinha sido escuridão.

São palavras bem elucidativas de admiração e valorização pelas criações do espírito humano que fazem parte da nossa bagagem cultural e

que nos fazem olhar as coisas, as pessoas, o fluir da vida de outra forma e com olhos mais sensíveis e mais atentos.

A atenção que propõe precisamente Sophia de Mello Breyner Andresen em um dos seus poemas de *Musa*, intitulado “Vieira da Silva” (p. 37):

Atenta antena
Athena
De olhos de coruja
Na obscura noite lúcida

Viver atento «como uma antena», ter «olhos de coruja / Na obscura noite lúcida». Ou seja não descurar o baú da memória e olhar a vida e o mundo com todos os dados que esse caudaloso rio cultural trouxe e doou.

O olhar atento de Vieira da Silva e de Sophia – uma autora que sente fascínio pela Hélade e mostra funda nostalgia pelo tempo em que na Antiga Grécia deuses, homens e natureza viviam em harmonia – a presença de conceitos de Platão e dos Estóicos é usual; que nos fornece os dados para descodificarmos muitos dos seus poemas que abordam temas, conceitos ou mitos gregos. Vejamos dois ou três da cerca de dezena que dedica a Orfeu e Eurídice.

Comecemos pelo poema de *Coral* (p. 91) que tem por primeiro verso «A praia lisa de Eurídice morta» e combina o mito de Orfeu e o de Endímion. Eurydice — aqui identificada com a poetisa ou mesmo a poesia — vê-se perdida na praia deserta, «A praia lisa de Eurydice morta», onde «as espumas do mar escorrem sobre um vidro» e apenas «Num gesto solitário passam as gaivotas». Pelo contrário Endímion «ressurge dos destroços»: ele que, adormecido por Zeus mantivera a sua eterna juventude e beleza e, alvo do amor de Selene, a Lua, por ela era visitado

todas as noites, aqui renasce com a natureza (com os pinheiros, o lírio, o vento). Eis o poema completo:

A praia lisa de Eurydice morta
As ondas arqueadas como cisnes
As espumas do mar escorrem sobre um vidro
Num gesto solitário passam as gaivotas.

Endymion ressurgue dos destroços
Os pinheiros gemem na duna deserta
O lírio das areias desabrocha
O vento dobra os ramos da floresta.

Em “Soneto a Eurídice”, de *No tempo Dividido* (p. 36), de novo têm papel relevante motivos da natureza: cheiro, mar, terra, céu, nevoeiro, paisagem. Eurydice volta a personificar a poetisa que busca incessantemente, sem o conseguir, a beleza ou a poesia simbolizada em Orfeu:

Eurydice perdida que no cheiro
E nas vozes do mar procura Orpheu:
Ausência que povoa terra e céu
E cobre de silêncio o mundo inteiro.

Assim bebi manhãs de nevoeiro
E deixei de estar viva e de ser eu
Em procura de um rosto que era o meu
O meu rosto secreto e verdadeiro.

Porém nem nas marés, nem na miragem
Eu te encontrei. Erguia-se somente
O rosto liso e puro da paisagem.

E devagar tornei-me transparente
Como morte nascida à tua imagem
E no mundo perdida esterilmente.

Neste soneto, a composição que mais nitidamente espelhou o mito de Orfeu e Eurídice, e no poema de *Coral*, anteriormente referido, encontra-se ainda o motivo do reencontro fugaz na catábase para logo se desfazer sem remédio.

Essa separação de deuses, homens e natureza está simbolizada no corpo de Orfeu, a poesia, que, dilacerado, se encontra disperso nessa mesma natureza. A missão do poeta e da poesia é partir em busca desse corpo dilacerado e disperso e de novo o reunir, como sublinha a própria Sophia nestas palavras da "Arte poética I" (*Geografia*, p. 94):

Este é o reino que buscamos nas praias de mar verde, no azul suspenso da noite, na pureza da cal, na pedra polida, no perfume do orégão. Semelhante ao corpo de Orfeu dilacerado pelas fúrias este reino está dividido. Nós procuramos reuni-lo, procuramos a sua unidade, vamos de coisa em coisa.

Apenas a atenção, predisposta a ouvir a natureza e a escutar o ressoar das coisas, possibilitará a poesia – ou seja conseguirá reunir o corpo de Orfeu, dilacerado e disperso pelas fúrias no real, nas coisas simples que nos rodeiam: nas «praias de mar verde», no azul da noite, na «pureza da cal», na «pedra polida», no «perfume do orégão». Mas, além de atenção e predisposição para escutar, a poesia – porque «explicação com o universo», «convivência com as coisas», «participação no real», encontro com vozes e imagens – exige também inteireza do ser, fidelidade; pede «intransigência sem lacuna», para arrancar da «vida que se quebra,

gasta, corrompe e dilui uma túnica sem costura»; pede para viver «atenta como uma antena», para viver sempre e nunca se esquecer; pede «uma obstinação sem tréguas, densa e compacta», como afirma Sophia na "Poética II" (*Geografia*, p. 95).

Atenção constante, inteireza e fidelidade a esse rio cultural que não para de correr e deixa como bagagem o húmus dos aluviões que é a seiva que fecunda o nosso pensamento e sensibilidade. Para isso é necessário estar atento, obstinação sem tréguas, não esquecer ou defraudar o baú da memória. É esse baú de conhecimentos que nos dá olhos para visões outras, para cristalizações novas, para entrar na corrente do rio que nunca é o mesmo.

É esse baú afinal que, por exemplo, nos permite observar a poesia de Manuel Alegre por outra perspectiva e nos faz identificar nele o mito de Ulisses e o símbolo de Ítaca como os mais significativos, como mostrei no livro *Manuel Alegre: Ulisses ou os Caminhos da Eterna Busca* (Coimbra, 2001). O mito de Ulisses, que apresenta como ideias centrais o exílio e a errância, quer físicos, quer interiores. Ulisses — de modo geral equiparado ao sujeito poético, exilado e ardentemente desejoso do regresso, e ao povo português —, longo tempo fora do país, ora errante por diversas terras e povos, ora retido prisioneiro, acaba por regressar à sua Ítaca, que, com muita frequência, aparece como a terra pátria; mas é também algo de ideal que a insatisfação humana sempre busca sem jamais encontrar: a ilha que fica sempre mais a sul, a tão azul, como diz em *Um Barco para Ítaca*. Essa busca sempre insatisfeita, porque a Ítaca que se procura nunca é a que se encontra ou aquela a que se chega. A identificação de Ulisses ao povo português e de Penélope à Pátria está bem explícita em “Os dois sonetos

de amor de Ulisses”, publicados em *O Canto e as Armas* (1967), de que cito a parte final do primeiro deles:

.....como U-
lisses vou com meu canto como um barco
ouvindo o teu chamar – Pátria Sereia
Penélope que não te rendes – tu

que esperas a tecer um tempo ideia
que de novo o teu povo empunhe o arco
como Ulisses por ti nesta odisseia.⁴

E assim Penélope aparece identificada com a Pátria que, calada, resiste e espera quem a liberte, Ulisses, aqui transformado no povo português. Como o herói, de arco tenso, castigou severamente a insolência dos Pretendentes, também deseja o poeta que esse povo tenha idêntica atitude e faça o mesmo.

Os aluviões culturais carreados pelo rio do tempo estão à disposição, a seiva existe. Falta dar-lhe atenção e cultivá-la. Daí que mais uma vez tenha de dar razão a Cícero, o meu amado Cícero – sempre uma mina à nossa espera. Escrevia ele, num passo famoso das *Tusculanas*, aplicando à formação do homem uma máxima do âmbito da agricultura, que a terra, por mais fértil que seja, não consegue produzir frutos, se não for tratada (2. 5. 13):

ut ager, quamvis fertilis, sine cultura fructuosus esse non potest, sic sine doctrina animus

"Como o campo, fértil embora, não produz frutos sem cultura, de mesmo modo o espírito sem a educação"

⁴ - *Obra Poética* (Lisboa, 1999), p. 208.

Cícero, um rio de sabedoria que não deixa de correr e sempre fecunda quem nele se banha, o meu amado Cícero – embora não deixe de confessar também que por vezes me foi detestado, ou até quase odiado mesmo, sobretudo nos verdes anos de formação no Mosteiro de Singeverga e nos anos de estudante de Filologia Clássica, em que a introdução de novos termos pelo pensador, a busca de precisão de conceitos pelo filósofo, os volteios de frase e lances arrebatadores do orador me davam tratos de polé ao incipiente leitor e tradutor que passava horas em pugna com o sentido de uma frase ou palavra. De qualquer modo um rio de saber e uma mina Cícero. Bem sabia ele que só o cultivo atento, aturado e cuidadoso dá os devidos e apetecidos frutos. Assim o praticou toda a sua vida. E o aluvião da sua obra é sempre terra humosa a oferecer seiva que tonifica, sempre uma mina onde não faltam as pepitas para garimpar.

Fluir perene a cultura greco-romana – seiva que perene flui ou rio que não pára de correr, que nunca é o mesmo, mas a todos banha e alimenta. Bagagem que faz parte integrante do baú da nossa mente, sem ela, olharíamos as pessoas e as coisas de outra forma. Éramos de certeza outros. Nem sei se chegaríamos a reconhecer-nos.

Coimbra, Abril de 2008

José Ribeiro Ferreira